

# O SAPO

Semanario litterario e humoristico

REDACTORES: DIVERSOS

ANNO I

Redacção  
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51

Curitiba, 25 de Dezembro de 1898

Assignaturas  
MENSAL . . . . . 1\$000  
Pagamento adiantado

Nr. 42



## Artigo de fundo

No principio do mundo, separadas as aguas após o diluvio, quando lentamente começavam a apparecer os cabecos dos montes, e os continentes emergiam dos mares como grandes phócas escuras e humidas...

Tambem na antiga Roma, quando soavam ainda nos ouvidos dos patricios as Catillinarias, como toques de rebate, e mais tarde como energicos toques de avançar, nas lutas gloriosas da plebe contra...

Na idade-média, nesse longo periodo cavalheiresco e bellicoso, em que a vontade pertinaz e absoluta dos Suzeranos não conhecia limites á invasão continua que operava contra o direito individual, o direito privado, o direito publico, e todos os mais direitos que podessem pertencer aos seus vassallos...

Durante os angustiosos dias da revolução franceza, quando o povo sacudia a juba de leão e caminhava para frente, guiado pelo instinto da Liberdade, Igualdade e Fraternidade...

Quando proclamou-se a independencia do Brasil, e este vasto imperio tomou o lugar que lhe destinara a Providencia no agape dos estados americanos...

A 15 de Novembro de 1889, ao brilhar da Republica no intermino firmamento da nossa patria, cada cidadão, cada membro da vasta e nova aggremação politica...

Depois, tremulando ainda nos mastros dos navios revoltosos o panno branco, sem lemma algum, mas de uma expressão sinistra e vibrante...

De facto, a volta da legalidade victoriosa, mostrando o ceu azul do

nosso Brasil desannuviado e alegre, como um grande e festivo pallio por sobre a vastidão immensa deste gigante americano...

Mais tarde, o periodo, harmonico e redondo como uma esphera de bronze, que é chamado da consolidação da Republica no Brasil, e vio em seu meio a energia máscula do nosso ultimo Washington...

E assim, assumindo o governo da Republica, a 15 do mez passado, aquelle que apprehendeu em suas mãos amplas e musculosas...

Actualmente...

Acabou-se o papel!  
Que massada!...

HYALINO

## Dissolutismo Virgem

A' THIAGO PEIXOTO.

Lembras-te, Julia? Foi n'uma dessas manhãs de Abril. Eu encostára-me ao gradil do teu jardim, fatigado da orgia, olhando para os embugados que dos lupanares voltavam.

O silencio era apenas interrompido pela passagem ruidosa dos proletarios em busca do trabalho!... Cahi em profunda meditação, olhando lá para cima, para o balcão da janella de teu quarto de virgem! Chorava de saudades do passado, chorava de saudades tuas, cara Julia... Depois appareceste, com grande surpresa minha.

Não costumavas levantar-te á essas horas. Desceste vagarosamente a longa escadaria que dá para o jardim. Eu olhava-te e queria devorar-te com uns olhos esbugalhados de bebado... Nunca te vi tão bella! Emfim... pisaste a fina areia do jardim, com uns pesinhos mimosos, calçados com sandalias bordadas á ouro. A brisa brincava com teus cabellos soltos. Nos teus labios adejava um leve sorriso. Estavas sa-

tisfeita de respirar o fino e fresco ar da manhã impregnado do suave odor das flores. Approximavas-te, á passos lentos, sem veres-me. Eu estava como que extasiado de tua belleza! Vagavas pelo jardim. Paraste depois junto a um canteiro, onde estava uma bella rosa, que a fresca briza da manhã balouçava suavemente... Chegaste-te á ella, olhaste-a muito e beijaste-a! Eu estatico e febril contemplava-te com os olhos esbugalhados de bebado veterano!... Cortaste a rosa que eu hoje possuo e que o vento, out'ora, balouçara suavemente... Roubei-a! Roubei-a e beijei-a porque foi a flor que tu beijaste, Julia!... Sou o ladrão de um beijo porque sou um bebado de amor!...

PLIMAR.

## Moda e elegancia

E' sempre com verdadeiro prazer que accusamos a recepção d'este magnifico semanario illustrado de modas, elegancia e bom tom, publicado pela antiga casa editora dos srs. Guillard, Ailland e C.ª de Paris e dirigido por Madame de Mirebourg, que nos permite conhecermos em todos os seus detalhes as variações d'essa caprichosa deusa que se chama Moda.

O numero que temos presente vem como os anteriores repleto de modelos de *toilettes* do ultimo *chic* parisiense, tanto para senhoras como creanças e comporta igualmente muitas gravuras de bordados e um texto interessante e escolhido, entre o qual sobresahem a *Chronica da Moda e descripção das gravuras*, feitas por Blanche de Mirebourg; as *Cosas alegres*, por Guy de Presles; o romance, *O Abbade Constantino*, por Ludovic Halévy; *receitas, correspondencias*, etc.

Este ultimo numero da «*Moda Elegante*» distribue gratuitamente o molde d'um corpinho para passeio.

## PEROLAS (13)

### A Freira

As vezes pela grade do convento  
Põe a cabeça olhando tristemente,  
Como buscando alguém eternamente,  
Entre aquelles que passam no momento.

No seu comprido rosto macilento,  
De bem rara belleza ainda recente  
Vê-se nmidos traços facilmente  
Que se finando vão no isolamento.

E quando á noite do claustro a solidão  
Traz-lhe á mente no fervor de uma oração  
A lembrança de um sonho sepultado.

A' cella corre ligeira e ansiosa  
E com affecto e tremula e chorosa,  
Soffrega beija um retrato desmaiado...

R. COSTA JUNIOR



### As Perolas

I

A princeza Margarita  
muito amava um pagem bello,  
a creança mais bonita  
que havia nesse castello.

A princeza era uma flôr,  
que tinha a luz da bonança,  
no labio—calix de amor,  
nos olhos—urnas d'esperança.

Um poeta que a conheceu  
disse-lhe um dia: — Senhora!  
Tu és um beijo que o céu  
poisou nos labios da aurora.

Era uma rosa; e o pagem  
não era rosa; era um lyrio,  
lembrando a fulgida imagem  
das frescas visões do empyrio.

II

Uma tarde, Margarita,  
vendo o pagemzinho bello  
a creança mais bonita  
que havia nesse castello,

mostrando, graciosamente,  
um bello riso fugaz,  
disse-lhe, a rir, docemente:  
—Dás-me um beijo? Um só? Não dás?

E a creança, descerrando  
O labiosinho infantil,  
em tom submisso e brando,  
disse á princeza gentil:

—Dar-te-ei o beijo que pedes,  
na tua boca—essa abelha,  
si tu, princeza, me deres  
uma perola vermelha...

III

Falou a creança; e logo  
a princeza Margarita,  
pregando os olhos, em fogo,  
sobre a abobada infinita.

como a nympha que os silenus  
diriam estrellas, sem par,  
entrou na concha de fenus,  
que andava a rir sobre o mar,

e, com a face tremente,  
cheia de luto e de maguas,  
mergulha, rapidamente,  
no fundo abysmo das aguas:

Vê mil perolas formosas,  
mais vivas do que scentelhas;  
mas nas vagas lacrimosas  
não vê perolas vermelhas!

Então, a loira princeza  
volta do abysmo das aguas,  
cheia de luto e tristeza,  
toda coberta de maguas.

E assim chegando ao castello,  
co'os olhos negros em lava,  
diz ao pagemzinho bello;  
—Não achei o que buscava!

Diz o pagemzinho á afflicta:  
—Sei que a vista se te perde.  
Não lutes mais, Margarita,  
dá-me uma perola verde.

IV

A princeza de ar faguoiro  
correu então, velozmente,  
á casa de um joalheiro,  
que demora no Occidente.

Era um mancebo gentil,  
de grandes olhos rasgados,  
e um riso doce febril  
nos labios immaculados.

Ao vel-o, a princeza loira,  
fazendo joias brilhantes,  
dos raios com que o sol doira  
as espumas fluctuantes.

soltando as tranças ligeiras,  
disse ao artista impeccavel:  
—Dou-te aquillo que tu queiras,  
dou-te um sorriso adoravel;

Dou-te da lua o fulgor,  
si pudesses encontrar  
uma perola da côr  
das verdes aguas do mar.

Mas o joalheiro voltou:  
—Perolas verdes, senhora,  
não existem.—E correu,  
correu em busca da aurora.

Volta a pobre Margarita  
para o pagemzinho bello,  
a creança mais bonita  
que havia nesse castello.

E diz-lhe: — Amaldiçoada,  
sou por certo, entre as mulheres,  
Venho offegante, cançada,  
e não achei o que queres!

Disse o pagemzinho bello:  
—Vae ao reino de Stambul,  
e desse grande thesouro  
rouba uma perola azul.

V

Falou a creança, e logo  
a princeza Margarita,  
pregando os olhos em fogo  
sobre a abobada infinita,

numa galera, a boiar,  
das aguas sobre a amplidão,  
foi a Stambul procurar  
o enamorado sultão.

Quando entrava no palacio,  
de uns labores esculpturaes,  
como os castellos do Lacio  
e as torres medievaes,

o sultão, com voz oppressa  
e o coração palpitante  
tirou da bella cabeça  
o constellado turbante.

Então, a loira princeza  
disse ao sultão de Stambul  
— Dá-me agora a riqueza  
das meduras da azul?

Mas o sultão, entreabrindo  
os olhos, da côr do céu,  
de um modo gracioso e lindo  
á princeza respondeu:

— Dou-te esmeraldas reaes;  
e topazios deslumbrantes,  
turquezas phenomenaes;  
dou-te um cofre de diamantes;

Dou-te as perolas mais finas,  
pescadas com forte engenho;  
mas, da côr que tu procuras,  
não t'as dou, porque as não tenho...

Volta a pobre Margarita  
para o pagemzinho bello,  
a creança mais bonita  
que havia nesse castello.

Ao ver o gracioso infante,  
suave, languido e forte,  
diz a princeza, offegante:  
— Minha sorte, ai, minha sorte!

« Vejo agora que desdita,  
no meu peito desabrocha ».  
Diz-lhe o pagem: — Margarita,  
dás-me uma perola róxa? »

Mas a princeza responde:  
— Minha loira borboleta,  
aonde existem, aonde  
perolas côr de violeta? »

E o pagem, que o bello riso  
aos labios quentes arranca,  
disse-lhe, a rir, d'improviso:  
— Dás-me uma perola branca? »

E, na languida pupilla  
da princeza desditosa,  
assoma, treme, scintilla,  
uma perola saudosa...

Então, a loira princeza  
ao pagemzinho correu,  
e, a soluçar, com presteza,  
beijou-lhe o labio -- e morreu!

VI

E' que a perola sentida,  
cheia de luz e fulgor,  
levára-lhe a sua vida,  
levando-lhe o seu amor!

EUGENIO DE CASTRO.

## SONETOS (2)

## A Hora do Almoço

Pelo sapé furado da palhoça  
 Milhões de astros agarram-se luzindo;  
 O pae ha muito madrugada na roça;  
 A mãe prepara o almoço—O sol é lindo.

Canta a cigarra; porco cheira; engrossa  
 O fumo dos tições;—anda zunindo  
 A' porta um marimbondo, e fazem troça  
 As crianças com um ramo o perseguindo.

Correm, chilram, vozeiam, tropeçando  
 N'um velho poste;—a mãe zangada ralha,  
 A avó lhes lança o olhar inquieto e brando.

No chão um gallo junta milho e o espalha,  
 Em quanto a um canto, as pennis arrufando,  
 Põe a gellinha n'um juro de palha.

DALCINO



## Photo-Jumelle

Aspecto—Menino bonito.  
 Profissão—Fazer versos.  
 Divisa—Tudo pelos triólets...

B. LEITE

5

Aspecto—Menino malcreado.  
 Profissão—Actor ambulante.  
 Divisa—Tudo pela troça...

LEITE JUNIOR



## Farpas

Hoje, quando lanço um olhar retrospectivo para dois annos preteritos, rio-me de mim proprio. Creio que é commum a todos o rir das asneiras que fizeram...

Ha cousa de dois annos tive eu a mania, — não singular, pois é a actual epidemia d'esta terra, em que os poetastros se multiplicam ominosamente, apresagiando um futuro sinistro,—tive a mania de enquadrar em versos os meus pensamentos, de metrificar as minhas idéas, cada qual, por signal, mais esdruxula.

E é quasi innumeravel a versalhada fofa que, por então, cahio do bico de minha penna. Daria, até, para attestar um grosso e importatil in-folio...

Mas, que magorraes semsaborias!... Por vezes, quatorze linhas

constituindo 14 distates, com o pomposo titulo *Soneto*...

E a quantas pequices metricas de tal quilate não dei publicidade, sonhando fama,—apotheoses glorificantes sonhando!...

Mas, felizmente, tudo isso é muito desculpavel. A mocidade inexperta pôde necear impunemente: tem carta branca.

Mas o que me levou a esta ordem de idéas foi uma cousa muito simples: a mania da versalhada que hoje lavra aqui, n'esta terra; triste mania, que é uma manifestação psychopathica, p'ra não dizer um caso pathologico...

Se, porem, como disse acima, essa mania é desculpavel nos rapazes de 15, 16 e 17 annos, não pôde entretanto ter justificação quando ataca os rapazinhos de vinte e tantos annos...

Ora, senhores da versalhada fofa, attendei a isto:—uma poesia, para merecer esse nome tão melodico, é preciso ser muitissimo boa, e a que não tiver esse requisito, não presta. Não posso comprehender a mediania poetica. Ou o verso é optimo, ou não é mais que detestavel.

Essa convicção, ainda bem, veio-me a tempo: hoje não perco tempo, papel e tinta a fazer versos, porque vejo que não dou para a cousa... Presentemente só mancio estas pobres farpas quebradiças.

Os leitores estão, pois, livres do que eu os importune com pachuchadas metricas; mas estão arriscados a que eu os farpeie com alguns toques innocentes de ironia mansa...

Dos males o menor,—lá diz o velho proloquio popular.

EPAMINONDAS



## Sonhando

A' PLIMAR

—Sim Rosalia, serei teo, só teo! Para o amor, foi que Deus fez as almas docéis e sensiveis; para amar é que viemos a terra.

A nossa união será um idyllio eterno, viverei para ti só, unicamente só!

O nosso ninho, o ninho de nosso amor, será suspenso sobre o frondente arbusto da Ventura! d'ahi ouviremos lá em baixo o vozear da turba soffredora, que clamma e de-

sespera!... Em quanto eu, esquecido do mundo, esquecido da vida, irei sofregamente libando o nectar precioso da felicidade, na taça perfumada dos teos labios.

Vem! Rosalia, vem!

Vom sellar com um osculo virgem, a felicidade suprema, que antevejo com a nossa união! E, abraçado ao travesseiro, elle, o feliz accordou sobressaltado com uma forte batida na porta de seu quarto.

Quem é lá? perguntou estremunhando.

—O'ie o café seo chefre— disse o criado com uma voz aguardentada.

Era manhã!

GASPARONE.



## Tiro ao alvo...

Domingo fui ao «Passio»  
 Já com segundas tenções  
 De obter um pé, um meio  
 P'ra certar nos magandes.

Sentei-me assim que cheguei  
 E com attenção singular  
 Canto a canto revistei  
 Sem um magano encontrar.

Fiquei triste, desanimado,  
 E disse com os meus botões:  
 Tanto trabalho baldado  
 O' malditos magandes!

Quando eu estava resolvido  
 A retirar-me de lá  
 Fui leitores sorprendido...  
 Surgio o Tupinambá.

Do meio daquelle povo,  
 Todo risonho, dengoso,  
 Mettido n'um chapéo novo,  
 Mas um chapéo monstruoso!

Eu então disse commigo:  
 Peguei este de surpresa!...  
 Desta vez meu charo amigo  
 Vais p'ra o «Sapo» com certeza!

Tirei do bolso a carteira  
 E comeci a notar:  
 Chapéo de palha de esteira,  
 Chapéo capaz de espantar...

De tudo então tomei nota  
 E sorrindo murmurei:  
 Estás seguro janota,  
 Desta vez não te poupei!

Algum tempo distarçando  
 Estive sentado então  
 E ao ir me levantando  
 Assoma outro maganão!

Resolvo logo ao contrario  
 E me sento novamente  
 Occupando de notario  
 O meu posto antecedente.

Este outro saboreava  
 Um charuto de—«Chicago»...  
 Sabeis quem é que fumava?...  
 Era o bom do meu Thiago!

E eu disse promptamente:  
(Cahio-me aquillo no gotto!)  
Tambem fallo certamente  
Do charuto do Peixoto!

Resolvido pois estava  
O que tinha de fazer...  
Nada, nada me faltava  
P'ra o trabalho emprehender.

Abandonei o «Passeio»  
Rindo-me, porém baixinho,  
Por ter obtido um meio  
De cortar no Peixotinho!

Mas no caminho (isto é certo)  
Encontrei um amigalhão,  
Rapaz muitissimo esperto  
Que me disse: O' bom Plutão.

«O que é isto? Estás contente?»  
«De que provem esta riso?»  
«Eu supponho (francamente)  
«Que não estás no teu juizo!»

Narrei-lhe a historia, o facto,  
O que eu tinha projectado  
E fiquei muito pacato  
Esperando o resultado.

Disse-me elle:—ô Plutão  
«Toma sentido, cuidado,  
«O Peixoto é valentão  
«E o Tupi muito arrojado.»

Fiquei um tanto vermelho,  
(Pois eu sou um cobardão)  
E tomei logo o conselho  
Do meu charo amigalhão.

Evito pois os perigos,  
Hoje deixo de cortar  
Pois não quero, meus amigos,  
Sarnes para me coçar!

PLUTÃO



## Visitas

«O Sol» órgão litterario e noticioso, que vêm de apparecer na capital do Estado do Ceará.

Repleto de bons trabalhos e muitas noticias.

«O Chocalho» jornalzinho tambem de Fortaleza. Impresso em papel verde. Órgão chocalheiro

«A Granada» órgão cortante, perfurante e contundente.

Publica-se em Livramento (Rio Grande do Sul).

Permutando agradecemos as visitas.



## FOLHINHAS

O Club Curitybano teve a delicadeza de nos enviar um convite para assistirmos a conferencia realisada pelo sr. Julio Pernetta em anoite de 17 do corrente.

Agradecemos.

\*\*

Da Sociedade «Recreio Familiar» de Pão de Assucar, (Alagoas) recebemos participação de ter sido eleita a nova Directoria que tem de dirigir os destinos d'aquella Associação nordesta durante o primeiro semestre do anno vindouro.

A posse dos novos eleitos terá lugar no dia 1º de Janeiro proximo.

Sentimos deveras ser tamanha a distancia que nos separa, impossibilitando-nos de pessoalmente correspondermos ao fidalgo convite. Agradecemos penhorados.

\*\*

A nossa collega—A Granada—do Livramento, pedimos que, quando transcrever alguma coisa do nosso batrachio o faça com a respectiva declaração.

No numero que temos em mão deparamos com as *Gracolas* do nosso distincto collaborador *Garrone*, sem o *Do «Sapo»* como era de dever.

Não se zangue collega...

\*\*

Com que então o Peixoto está zangado?...  
—E' verdade.  
—E... porque?  
—*Por via da profissão...*

## Rimas a malho

I

Estou de posse do malho  
Bem contra a minha vontade.  
Mais que fazer—é *parciso*,  
Inda mesmo por metade...

Lá se foi o Estigarribia,  
Gasparone e Peixoto;  
Estou c'o malho na mão  
Apêzar de ser canhoto!

Ah! Raniel d'uma figa  
Se tu podesse empunhar...  
Eu daria... daria mesmo  
Só pr'ate vêr a malhar.

O teu canto é mavioso,  
Até as mascas suspiram!  
Mas, o Peixoto protesta  
A elle só admiram!

Elle agora está zangado  
*Por via da profissão*:  
Estão privados os leitores  
Do enorme *diapásio*.

O culpado eu sei quem foi  
(Não julguem ser o Gaspar)  
Nem brincando eu queço mesmo  
Que se venha isto pensar!

II

Esta vida é mesmo assim caro Peixoto,  
Não ha caminho que não tenha espinho;  
Empunha o malho, deixa correr o barco  
E prosegue cantando a lua com carinho.

GASPARINO.

## Malhos a Rima

Uma rima para malho  
De procurar me cancei  
Depois de muito trabalho  
No «Peixotinho» encontrei.

Por isso amigos leitores,  
Venho contente, faceiro,  
Contar-vos os dissabores  
D'alguns mocinhos bregeiros.

O Gaspar *bigode doce*  
Dizem ter «febre amarella»,  
Pois si tal suas cores fosse,  
Ninguém cahia na esparrella

De com elle Alegremênte  
N'uma walsa desasa...  
E nem na Polka *far niente*  
Na polka *militar*.

O Luciano *chorando*  
Nesta Curitibaano,  
Chorava *tratante*  
Por dançar *gre, ufano*.

Faço ponto aqui, por que  
Não acho «Malhos» p'ra «Rima»,  
A pedido já se vê  
De meo plectro que não prima.

LOURO

o cartorio  
*bellão*... Este escrevente não me  
sabe de forma alguma... vou despedir-o.  
—  
Por o sujeito lê tudo quanto copia...

## Parodia

Nesta proxima semana  
—Queridissima Sinhá—  
Iremos ambos juntinhos,  
A' Paraná  
guá!

## Cartões de surpresa

para o Natal e Anno Bom.  
Alta novidade recebida directamente de Paris

NA

Impressora Paranaense  
Livraria à rua 4 de Novembro n. 51

Lá se foi o Peixotinho  
Rindo, *chorando*, cantando...  
N'um passinho miudinho  
A todos nós desafiando!!

Porque fizeram aquillo?  
—Aquillo o que?!

—O rapaz é melindroso...  
—Ah!

Typ. Impressora Paranaense.